



**A memória como espaço de representação na obra das irmãs Queiroz**  
The memory as place of representation in the work of the sisters Queiroz

Janieli Salgueiro da Silva<sup>1</sup>  
Alexandra Santos Pinheiro<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, analisamos o livro *Tantos anos* (1998), de Rachel de Queiroz e Maria Luíza de Queiroz, sob a perspectiva dos estudos de memória e de escrita feminina. Trata-se de uma narrativa memorialística, escrita a quatro mãos, que se constitui memorial da vida das autoras. A obra *Tantos Anos* possibilita um olhar a partir das memórias das autoras, esse espaço onde a representação surge com o objetivo de trazer à luz os acontecimentos que marcaram um período, uma geração, uma família.

**Palavras-chave:** Literatura; memória; Rachel de Queiroz.

**Abstract:** In this article, we analyze the book *Tantos anos* (1998), by Rachel de Queiroz and Maria Luíza de Queiroz, from the perspective of memory and feminine writing studies. It is a memorial narrative, written in four hands, which constitutes a memorial of the life of the authors. The work *Tantos Anos* allows a look from the memories of the authors, this space where the representation appears with the objective of bringing to light the events that marked a period, a generation, a family.

**Keywords:** Literature, memory, Rachel de Queiroz.

A obra *Tantos anos* (1998) é uma memória dupla de Rachel de Queiroz e de sua irmã Maria Luíza. Esta assume a missão de fazer com que Rachel deixe documentada a sua vida: as suas memórias. Sempre interferindo e questionando-a, Maria Luíza consegue transformar os relatos de sua irmã, e os seus também, em um livro cheio de lembranças, um memorial da vida das autoras e de sua família.

Rachel de Queiroz, jornalista, romancista, cronista, tradutora e teatróloga, é mulher reconhecida amplamente por seus escritos e também por sua postura frente às questões políticas de seu tempo. Para Eduardo Duarte, a escritora é um grande nome da literatura brasileira, cuja vida e obra constituem “marcos ou emblemas do processo de emancipação social da mulher brasileira no século XX do País” (DUARTE, 1995, p. 81). Em *Tantos anos*, a memória da escritora é arquivada por meio de escritos de sua irmã, Maria Luíza de Queiroz.

A escritora engajou-se no mundo literário desde muito jovem. Aos quinze anos de idade, já publicava crônicas em jornais e escreveu o seu primeiro romance, *O Quinze* (1930)<sup>3</sup>. Para Cunha, Rachel “é considerada uma das representantes do modernismo

<sup>1</sup> Mestre em Letras, área de concentração: Literatura e Práticas Culturais, pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

<sup>2</sup> Professora associada do curso de graduação e de pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD. Líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Literários e Culturais.

<sup>3</sup> A autora se utiliza desses episódios marcantes e os traz como título em sua obra, por exemplo: *A Guerra*, *A revolução de 1964*, são alguns dos que aparecem em sua narrativa. Essas lembranças permeiam tanto a obra que escolhemos como *corpus*, bem como, outras obras da autora, suas crônicas e seus romances. O romance *O Quinze* retrata a seca que a autora vivenciou, no Ceará, ainda na infância.

brasileiro e uma das mais notáveis referências na história cultural das mulheres [...]” (CUNHA, 2013, p. 26). É significativo o lugar canônico que a autora ocupa no campo da literatura brasileira. Com várias obras publicadas, ganhou prestígio e foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras<sup>4</sup>. Rachel viveu em um período patriarcalista<sup>5</sup>, mas conseguiu, por meio da escrita, transcender os moldes de sua época, ao mesmo tempo em que apontou para as contradições e dificuldades de se romper com o código social vigente.

Maria Luíza, por sua vez, era, no final dos anos de 1980, produtora da TV Educativa: “O nosso sonho dourado, realizado ao romper da aurora do dia 9 de setembro” de 1926, nasceu no sertão “numa casa do Benfica”. Os dezesseis anos de diferença de idade distanciam as irmãs. Vale ressaltar que, mesmo sendo irmã de Rachel de Queiroz, Maria Luíza é pouco conhecida, além das marcas na narrativa, não existe muitas informações sobre ela. O que se sabe é que ela publicou outras obras com Rachel, como: *Nosso Ceará*, relato (1997); *Não me deixes: suas histórias e sua cozinha, memórias gastronômicas* (2000).

Rachel e Maria Luíza de Queiroz se utilizam da memória como forma de dar sentido ao passado, às representações sociais, ao lugar da mulher no início do século XX, além de perceber como o cenário da época era composto. Vale ressaltar aqui a escolha de uma obra de autoria feminina, em consonância com os estudos de gênero e com os estudos que se ocupam da escrita do íntimo, da escrita de si, do caráter cotidiano e da vida íntima dos escritores. A escrita de gêneros que se enquadram na “literatura íntima” se constitui, desde há muito, como uma prática intrinsecamente feminina, principalmente os diários, embora não seja exclusivamente um gênero escrito por mulheres. A escrita feminina surge com o intuito de dar visibilidade àquelas destituídas do poder de opinar, ficando às margens da sociedade e em silêncio. Diante de tal situação, percebe-se logo o lugar que a mulher ocupava no século XIX, em uma sociedade patriarcalista, que relegava a ela a condição de mera “reprodutora”<sup>6</sup> e um

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar que muitas mulheres não tiveram o privilégio de Rachel de Queiroz ao ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, muitas delas foram barradas de tal reconhecimento. Um exemplo válido é de Júlia Lopes de Almeida, considerada escritora da *bella époque*, participou do planejamento e criação da Academia Brasileira de Letras, seu nome aparece na primeira ata da reunião dos literatos que se engajaram na construção da ABL (Cf. *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*, de João Paulo Coelho de Souza Rodrigues, 2003.). A mesma acompanhava os moldes da Academia Francesa, e, assim, seu nome foi excluído da relação de literatos que ocupariam as cadeiras na época, por ser mulher, e substituída por seu marido, que também era literato, o português Filinto de Almeida. O veto da participação de mulheres só foi revogado em 1977, quando Rachel de Queiroz foi eleita para a cadeira de nº 5. A fala de um dos integrantes da época deixa claro o olhar deles em relação à pressão exercida sobre a mulher: “A Academia deve ser para homens de letras, como as associações científicas para os sábios e, para os padres, as instituições eclesiais” (RODRIGUES, 2003, p.156).

<sup>5</sup> Rachel teve o privilégio de ter pais liberais, o que facilitou a sua ascensão na sociedade. Segundo Hollanda: “[...] as mulheres eram um pouquinho matriarcais encobertas e um pouquinho submissas aparentes. Mas já eram mulheres de um novo tipo: eram mais intelectuais, liam, opinavam. Casavam-se com profissionais liberais que tinham uma mentalidade diferente daquela dos fazendeiros. Em algumas famílias, as mulheres dessa geração viviam praticamente numa república tocando piano, lendo Voltaire, lendo os enciclopedistas, sendo agnósticas [...] Tudo indica que teria sido possível, em pleno Nordeste de um século e meio atrás, o surgimento de uma ilha de feminismo e independência para as mulheres” (1997, p. 27).

<sup>6</sup> As mulheres eram destituídas de poder, ficando a cargo do homem, decidir por tudo. Segundo Schmidt, “[...] as mulheres, desde sempre destituídas da condição de sujeitos históricos, políticos e

*status* de marginalização, de modo que lhe era negado, inclusive, o direito à escrita, embora fossem incentivadas a escrever diários íntimos, sem que alguém se importasse.

A obra das irmãs Queiroz, assim, possibilita um olhar sobre a vida das autoras a partir da memória. Nesse sentido, o artigo pretende apresentar as marcas que impregnaram na memória das autoras e como elas se materializam na obra. Tendo em vista o tipo de análise que aqui se opera e pela própria compreensão do objeto sobre o qual nos voltamos, continuaremos a discussão acerca da memória como espaço de representação.

Diante de dessas obras, com o intuito de testemunho/memória, nos vemos inseridos em diferentes contextos, mundos recriados por autores de narrativas, cujo principal objetivo é rememorar uma vida, testemunhar fatos importantes ocorridos no passado de pessoas que não viveram para contar/escrever suas experiências. Para Lima, narrativas memorialísticas como estas permitem que o leitor seja introduzido “[...] nos hábitos cotidianos da família, no modo como são vivenciadas as suas relações familiares e constituídas suas práticas de sociabilidade, apresentadas a partir do olhar da autora” (LIMA, 2013, p. 31). A todo o momento, as cenas do cotidiano estão presentes na vida de um indivíduo. A citação acima ressalta como essas cenas dizem muito sobre uma pessoa, um grupo (família), uma sociedade, elas constroem um estilo de vida, uma cultura. São a partir dos relatos dessas vivências que conseguimos perceber como as gerações passadas viviam, se sociabilizavam, como suas práticas e costumes interferiram na cultura de uma época. Na obra *Tantos anos*, é possível notar, a partir da memória das autoras, o quanto o laço familiar e seu círculo de amizade (intelectuais renomados) estavam entrelaçados em suas vivências, e, por meio delas, o contexto sociocultural do momento em que elas viveram.

A memória, nesse sentido, faz uma ponte entre o que foi (passado) e o que é (presente), entre o sujeito e o seu grupo social. A partir da memória, o indivíduo fala de si, mas também daquele que o cerca. As autoras escolhem, como prática, o exercício de (re)contar suas memórias (experiências) de um tempo “curto e longo” de suas vidas a partir de escritos e gravações. A escrita, nesse sentido, contribui para a materialização dessas memórias e fazem com que elas permaneçam num tempo longínquo, contribuindo para a memória coletiva de um grupo.

Para Lejeune (2008, p. 1), o texto memorialístico se caracteriza como uma massa de textos publicados, que não só contam a vida de alguém, mas também a do outro. O livro de Rachel de Queiroz, com a participação de sua irmã Maria Luíza de Queiroz, tenta recuperar as memórias da infância e da trajetória da escritora brasileira, mas mantém também o olhar de Maria Luíza para alguns acontecimentos rememorados. Além de trazer fatos acontecidos na trajetória da autora - como os lugares em que viveram na infância e na juventude, como e quando Rachel começou a escrever e ser reconhecida nacionalmente -, a narrativa ressalta também momentos importantes da história brasileira, principalmente os de cunho político como a Segunda Guerra Mundial, a Revolução de 30, bem como os costumes da época, se constituindo, assim,

---

culturais, jamais foram imaginadas e sequer convidadas a se imaginarem como parte da irmandade horizontal da nação e, tendo seu valor atrelado a sua capacidade reprodutora, permaneceram precariamente outras para a nação” (SCHMIDT, 2000, p. 86).

como obra que contribui para a construção da memória do país. Vale lembrar que a autora era bastante ativa politicamente, e foi presa em luta pelos seus ideais.

De acordo com Lejeune (2008, p. 15), um dos principais assuntos em uma obra autobiográfica é a “vida individual” do autor, mas assuntos como a “crônica e a história social podem também ocupar um certo espaço” na narrativa. As obras memorialísticas, preenche todas as características da autobiografia, menos a vida individual de uma pessoa, é o que acontece na obra das irmãs Queiroz. Nesse sentido, não se pode caracterizar a obra *Tantos anos* como autobiografia, pois ela, além de contar a história da família Queiroz (não só a de um indivíduo), também conta a história do país. A diegese da obra é marcada principalmente pela escritora Rachel de Queiroz, uma mulher que nasceu em uma família liberal, mas que, ainda assim, necessitou lutar para conquistar seus direitos. Em sua memória, sobressaem vários momentos de preconceito vivido por serem mulher e também por não seguir padrões pré-estabelecidos por uma sociedade em que o casamento era uma forma de “passagem” dos valores patriarcais, do pai para o marido. Em vários momentos da narrativa das autoras, é possível observar o tratamento e o comportamento diferenciado da mulher em relação ao homem. A mulher, quando tinha uma profissão, ao se casar, teria que largar aquilo que fazia. Como se vê nesta passagem: Tio Eusébio era “casado com tia Emilinha, cantora lírica, que abandonara o canto para se casar” (QUEIROZ, 1998, p. 16). Naquela época, cantar, declamar poesias e viajar pelo Brasil para se apresentar em salões eram incompatíveis com a postura esperada para uma mulher casada. Em outro momento, é a própria Rachel quem revela o seu desejo. Em sua infância, Rachelzinha, como era chamada pela família, queria ir à escola como os seus irmãos, mas não era possível, ninguém a deixava ir, só teve a oportunidade depois que sua mãe engravidou de seu irmão Luciano, e como não tinha ninguém para ficar com a filha, pediu para que d. Maria José a recebesse na escola durante o período de resguardo. Nas palavras de Rachel: “tinha loucura para frequentar uma escola e ninguém deixava. Já estava com oito anos e nunca entrara numa sala de aula, a não ser uns poucos dias no Pará, na casa de uma parenta nossa, d. Julita, mas que não era bem uma escola” (QUEIROZ, 1998, p. 17).

Ao relatar a dificuldade da composição do livro e a necessidade de escrever sobre uma determinada história, Maria Luíza de Queiroz inicia a justificando o motivo pelo qual o livro foi escrito. Rachel de Queiroz era chamada para dar entrevistas e, em uma dessas oportunidades, começou a falar de sua experiência de vida, foi quando sua irmã recebeu sua tarefa: “[...] *Maria Luíza você precisa contar essas histórias! Isso precisa ficar documentado. E tem que ser você, é sua obrigação!*” (QUEIROZ, p. 1998, p. 11, grifo das autoras). Como explicado anteriormente, foi Ziraldo, seu colega de trabalho na época, que a incumbiu de “contar” a história de Rachel, para que as suas (memórias) lembranças permanecessem na memória coletiva da sociedade. A obra foi escrita durante vários anos, mas a publicação só veio em 1998, quando Rachel tinha 88 anos e sua irmã 62. Halbwachs afirma que:

A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes no passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conservam alguma lembrança (HALBWACHS, 2006, p. 101).

É assim que a necessidade de escrever sobre si e sobre o outro se constitui como marca maior do projeto artístico-literário de obras memorialísticas, principalmente, a das irmãs Queiroz, que, ao retomar o passado, revisitam períodos tanto da vida quanto da época das autoras. Por meio de escritos de Rachel e gravações, Maria Luíza reuniu todos os documentos. De um modo particular, as autoras brincam com suas memórias, pois cada uma traz uma visão diferente dos mesmos fatos, ora em letras em itálico (Maria Luíza), ora em letras normais (Raquel de Queiroz). A narrativa se passa na infância, adolescência e fase adulta de Rachel e de sua irmã. As mesmas histórias que Rachel conta (a partir de sua visão), Maria Luíza reconta, dando a sua versão. Dessa forma, nota-se um contraste entre a mais nova e a mais velha, visões diferenciadas dos mesmos lugares e dos fatos ocorridos na vida das autoras.

Maria Luíza, por ser mais nova, não vivenciou tudo o que a irmã viveu, em vários momentos, é possível perceber que o que Maria Luíza recorda, é aquilo que lhe é passado pela oralidade, pelo ato de contar, histórias dentro de sua família. Enquanto Rachel conta a sua experiência; Maria Luíza também conta a sua, mas ela mais reproduz aquilo que lhe contaram, como é possível de se verificar no trecho: “*mas pela história que eu entreouvava*”. Isso faz parte do caráter coletivo da memória. Para Halbwachs, “se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo” (HALBWACHS, 2006, p. 41). A memória coletiva contribui para essa perpetuação a partir do relato dos outros e permanência das relações de um grupo. Mesmo que não se tenha vivenciado essas recordações, elas farão parte da memória de uma comunidade.

A narrativa, além de rememorar acontecimentos do passado de Rachel, e que, por vezes, marcaram a sua vida, ressalta também momentos importantes da história, principalmente político, bem como costumes da época, se constituindo, assim, uma obra que contribui para a construção da memória do país. Um episódio da época, que marcou os de sua família e os que viviam na região, foi a inauguração do Gabinete de Identificação, segundo Rachel: “ficamos no sertão, mas quando veio o governo de Justiniano de Serpa, ele e Carvalho Lima, com tínhamos feito amizade no Pará, exigiram que papai fosse fundar o Gabinete de Identificação”, o que era “novidade grande em 1920” (QUEIROZ, 1998, 18-19). Em outro trecho, é possível perceber mais um momento da história, quando a tecnologia não era tão avançada. Rachel relata a morte de João Pessoa, segundo a jornalista: “Ele tinha sido assassinado à tarde e os telegramas chegaram de noite – nesse tempo era tudo muito lento, só telegramas traziam as notícias” (QUEIROZ, 1998, p. 29). O que ocasionou no cancelamento de sua coroação como *Rainha dos Estudantes*.

Maria Luíza, quando se refere à construção do livro, remete-se a uma frase de Churchill<sup>7</sup>: “*Sangue, suor e lágrimas*”. *Eu poderia repetir a frase de Churchill para descrever o que foi a campanha, a verdadeira guerra que fui obrigada a travar para*

---

<sup>7</sup> Churchill (1874-1965), escritor a que Maria Luíza se refere foi um político (conservador e estadista britânico), historiador e artista, ficou famoso por sua atuação como ministro do Reino Unido. Foi o primeiro ministro a receber o Prêmio Nobel de Literatura.

*extrair de minha irmã estes depoimentos, estas lembranças*<sup>8</sup> (QUEIROZ, p.1998, p. 9, grifo das autoras). Deixa visível ao leitor o quão árduo foi o trabalho de compor essa obra, principalmente de extrair de sua irmã as lembranças que o compõe. Rachel não gostava da ideia de escrever exclusivamente sobre si, para ela “nunca pretendi escrever memórias nenhuma” (QUEIROZ, 1998, p. 11). Ao ceder ao pedido da irmã, estabelece algumas condições:

Vamos fazer um acordo: não vou falar espontaneamente. Você terá que me extorquir as lembranças do passado, as coisas que testemunhei, as pessoas que conheci. Se quiser conto, se não quiser não conto. Prometo apenas não mentir, fugindo ao perfil clássico e invertido de ‘memórias’ (QUEIROZ, p.1998, p. 11).

Rachel via nas obras autobiográficas um espaço para enaltecer o ego do autor, e também para esconder sua verdade. No tocante, percebe-se que a memória, no sentido da autora, não revelava a verdade, mas sim, partes dela. Nas palavras de Sarlo, é como se o escritor vestisse uma máscara “não há verdade, mas uma máscara que afirma dizer sua verdade (de máscara: de vingador, de vítima, de sedutor, de seduzido)” (SARLO, 2007, p. 32). A recusa em escrever sobre si revela o caráter seletivo da memória. Dessa forma, o autor escreve o que bem quer, o que deseja ou não recordar. Para que Rachel falasse, Maria Luíza necessitou persuadi-la a lembrar. A memória seria um meio para tornar essas lembranças visíveis ao indivíduo que está recordando suas experiências, que está enquadrando/construindo suas memórias em um gênero, o memorialístico.

Para Lejeune (2008), o texto memorialístico tem caráter autobiográfico, pois retrata um pouco da vida do autor, mas não se encerra nela somente, ele abarca lugares, pessoas que estão ao redor, ou seja, articula o “eu” com o contexto histórico-cultural de determinado momento. Ainda para o autor, o texto memorialístico, assim como o autobiográfico, é considerado um “gênero da literatura íntima”, pois traz passagens da vida do autor que são acionadas pela memória. Para Lejeune, a diferença entre memórias e autobiografia é mínima: a autobiografia foca a vida individual; as memórias a vida em grupo. Nesse segmento, o tempo de reflexão na obra possibilita um retrospecto do passado para o presente, trazendo à tona momentos muito mais ligados ao passado, mas que são ressignificados no presente. Assim, o foco principal desse tipo de gênero, caracterizado também como gênero da literatura íntima, é a vida do autor, que envolve todos que estão à sua volta. É nesse sentido que, nas obras memorialísticas, além de conhecermos a vida de uma pessoa, também nos envolvemos com o meio social em que ela viveu, pois é uma narrativa em que o eu (presente) e o eu (infância/juventude) dialogam e se manifestam na narrativa (BUNGART NETO, 2014, p.137).

Pode-se observar que a obra das irmãs Queiroz se caracteriza como uma memória dupla, pois se trata de recontar a vida/história das autoras e de seu contexto histórico-cultural. Sabe-se que em composições de obras desse nível, a memória se constitui como o principal meio pelo qual o indivíduo se remete ao passado, assim “a narrativa constitui, pois o espaço em que a memória se manifesta, tomando toda recordação a

---

<sup>8</sup> Todas as vezes em que a citação corresponder à voz de Maria Luíza, manteremos o texto em itálico, conforme o livro.

forma de um relato retrospecto” (ZILBERMAN, 2010, p. 28). A partir do texto memorialístico, o indivíduo revisita o seu passado e o reelabora dando a sua visão de mundo. A memória, nesse sentido, ganha ares de rememoração. O indivíduo volta a um tempo curto ou longo (infância, juventude, fase adulta.) para acionar suas experiências enquanto ser social, inserido em determinado grupo de uma sociedade: “familiar”, “grupala”, deixando transparecer sua personalidade. Lejeune (2008, p. 16) afirma que essa narrativa retrospectiva aponta para a história da personalidade do autor que, de maneira particular, constrói na narrativa as imagens que marcaram sua existência.

O exercício de escrever sobre si demanda esforço e é acionando a memória de um tempo, curto ou longo, que esse tipo de escrita sobrevive. Geralmente, quem se preocupa com esse gênero, a autobiografia, são pessoas consideradas experientes, e tem muitas recordações para documentar. Para Bungart Neto:

[...] o ato de lembrar somente se torna possível à medida que o tempo passa, sendo que a evocação perpetrada pela memória percorre certo intervalo de tempo, curto ou longo, entre a primeira impressão e seu retorno, fato que estreita ainda mais a relação complementar e ‘fraterna’ entre memória e tempo (Mnemósine e Cronos), comprovando que aquela depende da passagem deste (BUNGART NETO, 2014, p. 49).

Pode se dizer que a memória das autoras sempre foi acionada mediante a passagem do tempo (curto ou longo), a infância, a adolescência e a vida adulta são retomadas a partir da vivência e revisitação do passado dessas mulheres. Rachel revisita a sua história através de sua memória, desde a infância, quando ouvia as histórias de sua família e as reproduz: “Em 1915, papai já deixava a cidade e estava muito interessado no sertão, onde mandara fazer umas plantações de arroz. Mas então veio a seca, ele perdeu a plantação e quase todo o gado” (QUEIROZ, 1998, p. 15), até a velhice, ao perceber a construção, em relatos, de sua própria história (ao escrever o livro), e o quanto a idade e a experiência pesava, após vários anos:

Bom, hoje é 3 de maio de 1859, não, 1989. Estou exatamente com setenta e oito anos, cinco meses e meio. Falta só um ano e seis meses para fazer oitenta. Essa coisa me injuria muito. Fazer oitenta anos eu acho extremamente desagradável. Não sei por quê, mas acho. Pode ser que depois eu me acostume. Mas não creio: considero envelhecer uma ideia péssima. Aliás, pensei que seria pior. Isso é, do lado físico. Pensei que a incapacidade física viesse mais depressa e fosse maior. Sempre fui preguiçosa. Talvez isso ajude (QUEIROZ, 1998, p. 12).

A memória e o tempo sempre estiveram ligados, mediados por diaristas, biógrafos e autobiógrafos, ao colocarem no papel ou num documento de *word*, suas vivências, lembranças, tudo que a sua memória quer recuperar. A memória do indivíduo, ainda que pessoal, é considerada por Maurice Halbwachs como coletiva. De acordo com o autor em seu livro *A memória coletiva* (2006), a memória, mesmo que só um indivíduo a vivencie, sempre será coletiva, pois o ser humano nunca está só, muitas outras pessoas o acompanham. O sujeito que vivencia algo só, na verdade não o está, a todo o momento estamos rodeados de pessoas que nos ajudam a dar um sentido a tudo. Esse fato fica evidente na obra *Tantos anos*, Maria Luiza ajuda a sua irmã a relembrar o seu passado. De acordo com Halbwachs:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Diante disso, é possível perceber que, quando um indivíduo recorda alguma lembrança, são as pessoas e outros meios como: lugares, cheiros, objetos que o ajudam a dar mais clareza a essa recordação. Isso acontece porque somos seres sociais que mantêm contato constante com o mundo, com a sociedade que nos cerca. Um dos lugares que a autora, Rachel de Queiroz, remete com frequência em sua narrativa, e que a faz lembrar vários momentos de sua vida é a Fazenda “Não me deixes”. No fragmento abaixo, Rachel relembra o primeiro dia em que pisou na fazenda:

Mas a história que vou contar se passou no ano de 1920, Foi um inverno muito grande, a várzea do Junco dando nado. Papai mandou selar dois cavalos para nós, ele no Kaiser, um cavalo de raça, inglês, eu no meu alazão que tinha começado a montar. Chegamos aqui no Não me deixes: só tinha mato. Papai falou: ‘Vou levá-la a um lugar onde você vai situar a sua fazenda’. Já contei isso em crônica, mas vou contar agora, nessas tais de memórias, porque foi verdade (QUEIROZ, 1998, p. 215).

O lugar marcou tanto a vida da jornalista que seu desejo antes de morrer era visitar o local. O que não foi possível. Percebe-se, assim, “o caráter não só pessoal, mas familiar, grupal, social, da memória” (BOSI, 1979, p. 22). Dessa forma, a memória de um indivíduo contribui para a construção de uma história/época, seja ela em um grupo menor, mais restrito: familiar, comunidade que o cerca, mas também o social mais amplo, o país. Esses relatos pessoais deixam transparecer (de um modo subjetivo: as memórias evocam fatos do ponto de vista de quem os vivenciou) as peculiaridades de uma sociedade, sua cultura, e de modo mais peculiar, “sociedades menores” que estão representados nas famílias, nos círculos de amizades, ou seja, as pessoas que estiveram próximas dela enquanto ela viveu. Assim, a memória, para Bosi, “aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”, ou seja, a memória seria o “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (BOSI, 1979, p. 9), o que o escritor rememora, não terá o mesmo peso para um familiar, ou alguém próximo a ele.

A partir da memória e do exercício de contar sua experiência e a do outro, é possível lançar um olhar sobre as cenas que nos são apresentadas no decorrer de narrativas. Elas têm como principal objetivo contar uma história de vida, uma experiência que marcou determinado momento do autor ou de um ente próximo, e que ele acredita ser interessante guardar na memória de um grupo (quando essas experiências só são transmitidas oralmente), de uma sociedade (tanto oral, quando escrita, através de obras memorialísticas, diários, entre outros).

Por fim, a obra *Tantos Anos* possibilita um olhar a partir das memórias das autoras, esse espaço onde a representação surge com o objetivo de trazer à luz os acontecimentos que marcaram um período, uma geração, uma família, um indivíduo. Nesse sentido, a memória, espaço em que o autor se deixa envolver pelas recordações que o marcou e dá lugar à sua vida (a partir da escrita de si), também pode ser

estudado por meio da teoria literária, principalmente, com os estudos culturais, que ampliam o campo da crítica.

### **Bibliografia**

- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BUNGART NETO, Paulo. **Augusto Meyer proustiano**: a reinvenção memorialística do eu. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.
- CUNHA, Cecília. **Vivência escrita**: A crônica de Rachel de Queiroz em *O Cruzeiro* – Anos 50. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Rachel de Queiroz: literatura e política no feminino. *Anais do V Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Natal: UFRN, 1995, p. 81.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Viver para contar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. (trad. Beatriz Sidou) São Paulo: Centauro, 2006.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque. O ethos de Rachel. In: **CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA – Rachel de Queiroz**. Instituto Moreira Salles, n. 4, set. 1997, p. 107.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico** – De Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerhein Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LIMA, Raquel Esteves. A máquina da memória em movimento. In: SOUZA, Eneida Maria de. *et al.*(org.). **Figurações do íntimo**: ensaios. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 31-44.
- QUEIROZ, Rachel de, QUEIROZ, Maria Luiza de. **Tantos anos**. São Paulo: Siciliano, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O Quinze**. 74 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- RODRIGUES, Paulo Coelho de Souza. **A dança das cadeiras**: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2003.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução de Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- ZILBERMAN, Regina. Práticas narrativas, oralidade e memória. In: TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato (org) *et al.* **Sobre as poéticas do dizer**: pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: Letra e Voz, 2010.